



Mãe e professora, Adriana matriculou os filhos, Ibrahim e Bruno, numa escola que fugisse sempre da mesma fórmula do aprendizado. "Quero que os meus filhos entendam, que sejam levados a pensar"

ADEUS AO *DECOREBA*

Maria Clarice Dias
Da equipe do *Correio*

Uma parte do princípio de que a natureza é o primeiro passo para o estudo, outra espera que a criança estabeleça relações com o mundo para fazê-la aprender a teoria e a prática dos números, da linguagem, da geografia, da física e de todos os temas chamados necessários para a formação do ser humano conhecedor. Tem mais: uma quer que o conhecimento parta da criança; outra pretende que o professor tome conta dos temas e os repasse aos alunos.

Hoje em dia, são dezenas as concepções pedagógicas adotadas pelos especialistas em educação que coordenam o ensino nas escolas públicas e particulares. No entanto, para a psicopedagoga e professora de psicoge-

nética na pós-graduação de Educação da Universidade Católica de Brasília, Maria Therezinha de Lima Monteiro, a maioria das escolas do Brasil ainda não adaptou o ensino aos novos conceitos de educação.

Especialmente ao que prega o aprendizado da criança sempre a partir de sua relação com o mundo. "Existem atualmente tantas construções teóricas de educação que mais parece um saco de gato. No entanto, são pouquíssimas as escolas que realmente se adaptaram às novas metodologias de ensino", acredita.

Os discursos dos pedagogos do Distrito Federal se parecem. Não se deve mais educar crianças com esquemas de repetição. Por exemplo, de nada adianta para a formação do ser humano insistir que quatro é o resultado de dois mais dois. Repetir, repetir e repetir saiu de moda. "Porém, as escolas tanto públicas quanto

privadas ainda trabalham frequentemente com o método de decoreba", diz Therezinha.

Para escolher uma boa escola para os filhos, vai a dica: se os futuros colegas do seu filho aprendem com compreensão, sem tanta decoreba, o caminho está certo. O fim da imposição do conhecimento é fundamental. Aquela aula na qual a criança permanece calada do começo ao fim, sem direito a intervenções, foge dos princípios atualmente defendidos pelos pedagogos.

PAPAGAIOS

No fim das contas, todas as concepções concordam em um ponto: é preciso formar pessoas, não papagaios. Isso quer dizer que a criança deve participar sempre das aulas, fazer trabalhos de grupo, sempre perguntar, levar sugestões de assuntos para a sala de aula, usar computador, Internet, provocar a pro-

fessora com novos assuntos. Sem pressão, o prazer de estudar deve começar cedo.

Para a presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia, seção Brasília, Ione da Consolação Pinto Silva, o modelo de ensino da escola deve reproduzir o que a criança recebe em casa. Se os pais gostam, por exemplo, de que o filho manifeste a curiosidade sobre o assunto para depois ensiná-lo, não é bom colocá-lo numa escola rígida (conhecida como tradicional), onde os professores não esperam a iniciativa do aluno.

São vários os fundamentos que sustentam o método pedagógico das escolas. Tem o naturalista, o que se baseia na filosofia logosófica, o gestáltico, o construtivista, o montessoriano, o empirista e daí em diante (veja quadro na página 7). Em princípio, qualquer estudante que seguir o curso terá os mes-

mos conhecimentos necessários para o currículo.

Conforme a consultora em Educação Cosete Ramos, os nomes têm pouca importância. "Na verdade, os pais devem diferenciar uma escola velha de uma escola nova", defende. A "escola velha", segundo Cosete, é autoritária. Nela, os alunos aprendem sob pressão e com ameaças de punição e esperança de prêmios.

Na "escola nova", os conceitos de aprendizagem são construídos a partir do aluno. "Não há professor e estudante, mas sim parceiros. O pedagogo orienta o aprendizado, não força", explica. Para Cosete, quanto mais características da escola nova e menos da escola velha, melhor será o ensino. "É essa a instituição de ensino que os pais devem procurar."

A professora e mãe Adriana Mourão Mikhael, 30 anos, procurou matricular seus filhos Ibrahim, 6, e Bruno, 3, numa es-

cola que fugisse sempre da fórmula do aprendizado. "Educação tem de ser bem dada desde o início. Não quero que meus filhos aprendam decorando. Quero que eles entendam, que sejam levados a pensar. Cada um no seu ritmo", diz.

A escola de Ibrahim e Bruno desenvolve a concepção montessoriana. Para os alunos, o método que estimula a visão do mundo e tem um forte fundamento religioso deu mais que certo. Adriana conta que o melhor "método de chantagem" com o mais novo é dizer que ele não vai para a escola. "Ele faz qualquer coisa para assistir à aula. Não falta nem doente."

Para Adriana, era fundamental que seus filhos estivessem sempre em contato com a vida real. Ela acredita que, graças ao ensino diferenciado da escola, as crianças são excelentes alunas e têm uma visão mais clara do mundo.

"Na verdade, os pais devem diferenciar uma escola velha de uma escola nova"